

Discípulo de Clío: Antonio Bruno de Oliveira e a história de Santa Bárbara¹

I

No dia em que o Coronel Herculano de Carvalho e Silva² reuniu-se em São Paulo com o alto comando da Força Pública e assinou a rendição³ que resultou no armistício do levante que eclodira em julho de 1932, Antonio Bruno de Oliveira lutava pelas forças paulistas no *front* ao norte⁴ do Estado. Era 2 de outubro de 1932, e naquele dia, na deposição de armas que colocava ponto final na curta guerra civil que se estendera por quase três meses, Antonio Bruno completava 24 anos. Poucos dias depois, regressava ao lar⁵, junto de outros conterrâneos que também haviam se alistado nas forças “constitucionalistas” naquela ocasião. Antonio Bruno nasceu em Santa Bárbara d’Oeste⁶, no ano de 1908, às 6 e meia da manhã⁷ na casa de nº 14 da rua Riachuelo⁸, área central da cidade, filho do barbarense José Vicente de Oliveira e da italiana Pasqualina⁹ Restani de Oliveira.

De acordo com o que se escreveu até o presente momento sobre a vida de Antonio Bruno de Oliveira, sabe-se que viveu em Santa Bárbara até quando, “homem feito¹⁰”, decidiu-se mudar para a capital do Estado para exercer o ofício de marceneiro¹¹. Antes disso, porém, frequentou em Santa Bárbara o “curso primário” no Grupo Escolar “José Gabriel de Oliveira¹²”, tendo como um de seus professores, José Domingues Rodrigues, docente por quem, segundo consta, Oliveira tinha grande admiração¹³.

Com os estilismos que caracterizavam a imprensa da época, os artigos de jornal que utilizamos para esse trabalho procuram apresentar Antonio Bruno como uma pessoa dotada de grande curiosidade intelectual. De acordo com esses escritos, desde jovem, o futuro historiador procurava “estabelecer a verdade através das pesquisas¹⁴” e se ocupava de modo fervoroso

¹ Pesquisa e texto José Fernando Fonseca de Rezende e Wander Luíz de Oliveira. Assistentes de documentação do CEDOC da Fundação Romi. Outubro/2020.

² Sobre o Coronel Herculano, ver o site <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-herculano-de-carvalho-e>

³ Para uma breve cronologia do conflito, ver o site: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,cronologia-da-revolucao-constitucionalista-de-1932,10000061819>

⁴ Cf. o jornal Cidade de Santa Bárbara, 21/08/1932.

⁵ Ver o jornal Cidade de Santa Bárbara, 09/10/1932.

⁶ Na época de seu nascimento, apenas “Santa Bárbara”. O “d’Oeste” seria incluído somente mais tarde, para que houvesse diferenciação entre os diversos municípios homônimos.

⁷ SANTA BÁRBARA D’OESTE. Serventia do Registro Civil das Pessoas Naturais. Certidão de nascimento de Antonio Bruno de Oliveira. Registro em: 2 out. 1908.

⁸ No livro de imposto predial do exercício de 1907 de Santa Bárbara, aparece como proprietário do imóvel de nº 14 da Rua Riachuelo, “José Vicente de Oliveira”. Livro disponível para consulta: <http://cdoc.fundacaoromi.org.br/imagens//documentos%20textuais/cidade%20de%20santa%20barbara/centrodememoria/Rg195776.pdf>

⁹ Em alguns lugares, aparece grafado Paschoalina.

¹⁰ Cf. a edição de 15/06/1969 do Jornal D’Oeste, p.01.

¹¹ No livro “Santa Bárbara d’Oeste – Edição Histórica”, de 1974, lê-se que foi para a capital trabalhar como “marceneiro”. Também, no Jornal de Notícias de 15/12/1950, ed.1425, p.5., vemos que Oliveira fez parte do Sindicato dos Oficiais Marceneiros de São Paulo, o que aponta no sentido de afirmarmos que essa era sua principal profissão. Contudo, no Jornal D’Oeste de 15/06/1969, aparece como “carpinteiro”.

¹² Cf. o jornal Edição Barbarense de 30/11/1974, p.01.

¹³ Idem.

¹⁴ Ver o Jornal D’Oeste, 15/06/1969, p.01 e a pequena biografia disponível no livro “Santa Bárbara...” citado anteriormente, por exemplo.

com a “origem das coisas”. Se é verdadeiro que Antonio Bruno era curioso por natureza e desejoso de desvendar as origens das coisas desde tenra idade, só podemos especular, porém, é fato que suas pesquisas sobre a história de sua terra natal marcaram sua vida e estiveram presentes até seu falecimento, pouco tempo depois de conseguir que os restos mortais da fundadora da cidade, Margarida da Graça Martins, fossem removidos de São Paulo para descansarem em Santa Bárbara. A importância de Antonio Bruno para a história local de Santa Bárbara d’Oeste é tão superlativa e inegável que podemos afirmar com segurança que tudo o que foi escrito depois de suas pesquisas sobre a cidade tem um tributo devidamente pago a ele. O que procuramos apresentar nesse trabalho, é dar a conhecer um pouco da figura de Antonio Bruno e, mais importante que isso, como se verificou após seu falecimento, a sua contribuição para a reconstituição dos fatos sobre a história local. O homem de “origens modestas”, que passaria a maior parte de sua vida em São Paulo, trabalhou até seus últimos momentos numa obra que tencionava estabelecer parâmetros alicerçados em fontes documentais sobre a cidade em que nascera e, como poderemos ver ao longo desse trabalho, conseguiu seu intento, sagrando-se na história dessa mesma cidade como seu primeiro e mais importante historiador.

II

Após o final do conflito armado de 1932, Antonio Bruno continuou no exército ainda por longo tempo. Curiosamente, todos os artigos que foram escritos sobre ele, em vida ou depois de falecido, ignoram ou omitem essa informação. Fato é que em diversas notícias, dão conta de sua atividade nas forças armadas brasileiras e, pelo menos até o início da década de 1940, Antonio Bruno continua no exército, onde, depois de reformado, alcançou a patente de Terceiro Sargento¹⁵. Ao que consta, também, passou todo o seu tempo no exército servindo no 4º R.I de Quitaúna¹⁶, em São Paulo. Bem quisto na cidade onde nasceu, de forma assídua, Oliveira é lembrado na data de seu aniversário, 2 de outubro, pela imprensa barbarense, as vezes como “residente em São Paulo” ou desejando votos de felicidade ao “nosso conterrâneo”, mas frequentemente presente entre os parabenizados pelos periódicos locais.

O Antonio Bruno conforme o qual aprenderam a reconhecer aqueles que se dedicam ou no mínimo se interessam pela história de Santa Bárbara só vai surgir no início dos anos 1960. Não quer dizer que as pesquisas sobre a história de sua terra natal só tenham começado a espicaçar a curiosidade do marceneiro nessa época. Quer dizer tão somente, como poderemos ver, que infere-se que por volta desses anos, Antonio Bruno provavelmente já dispunha de um bom volume de dados e que, como faria até seu falecimento, esforçar-se-ia para compilar essas informações em textos e artigos. Se o fez por completo, não encontramos fontes confiáveis o bastante para corroborar essa afirmação, mas é certo que boa parte de seu trabalho escarafunchando arquivos e documentos históricos sobreviveu para contar, literalmente, a história de Santa Bárbara.

Algumas cartas enviadas por Antonio Bruno aos jornais de Santa Bárbara ajudam a compreender suas motivações e até mesmo o rumo de suas pesquisas. Não é possível saber com exatidão à data, mesmo à época, em que ele começou a se ocupar do esforço de pesquisa, mas podemos delimitar algumas áreas para esclarecer o assunto.

¹⁵ Ver por exemplo, as menções feitas a essa patente no Correio Paulistano de 13/03/1941, ed.26079, p.12

¹⁶ Sobre o quartel de Quitaúna, ver o site: <https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/especial-cidade-de-osasco/historia/historia-oral/quitauna-70-anos-de-historia-acontecem-sob-nossos-narizes> - visitado em setembro de 2020. O quartel foi instalado na região onde hoje se localiza o bairro de Quitaúna, no município de Osasco, porém, na época em que Antonio Bruno serviu no Regimento, Osasco ainda não existia e o local era considerado uma parte da capital paulista.

Em duas oportunidades, sendo a primeira um trecho de carta que foi publicado no jornal O Bandeirante de fevereiro de 1934, na qual Antonio Bruno fazia votos de “longa vida” ao periódico que acabara de nascer, ele também demonstra preocupação com o que chama de nossa “tão desprezada e santa terrinha¹⁷”. Apenas muitos anos depois, em fevereiro de 1951¹⁸, outra carta de Antonio Bruno voltaria a ser publicada, dessa feita no Jornal D’Oeste e remetida de seu endereço em São Paulo: a Rua João Teodoro¹⁹, nº 145. Apesar dos bons 17 anos que separavam as duas missivas, o ponto de Antonio Bruno permanecia o mesmo: a crítica ao estado de abandono em que se encontrava a sua cidade natal²⁰. A riqueza de detalhes das críticas (e também das sugestões) levantadas por Oliveira na carta publicada por aquele jornal nos dá a possibilidade de afirmar que ele visitava, amiúde, Santa Bárbara d’Oeste e que, ainda que residindo na capital do Estado, entendia como importante os destinos que estavam se desenhando, na opinião dele, para a sua terra natal. De fato, Antonio Bruno, pelo que se encontra nas notas publicadas em vários jornais, fazia mesmo visitas²¹ a Santa Bárbara. Nessas ocasiões, além de reencontrar amigos e familiares, o futuro historiador também pesquisava, talvez entrevistando pessoas idosas a respeito de suas memórias sobre a cidade e procurando levantar informações para seu trabalho. Podemos especular, considerando a preocupação expressa nas duas cartas que citamos, que talvez Antonio Bruno entendesse que o resgate histórico das origens de Santa Bárbara ajudaria, ou embasaria, um renovado ânimo para a administração pública.

Essa especulação pode ser corroborada pelo artigo intitulado “Uma Sugestão”, de Antonio Bruno e publicado cerca de uma década após sua última carta aberta, no Jornal D’Oeste de julho de 1961. Recheado de dados históricos sobre os primórdios de Santa Bárbara e trazendo um arremedo de genealogia da fundadora, o artigo afirma que a “grande massa popular deve e precisa conhecer a história de sua terra [...]”²².

O mês de julho de 1961 parece ser o início da colaboração de Antonio Bruno de Oliveira com o Jornal D’Oeste, e, pelo menos até meados de 1963, ele escreveria com frequência diversas colunas²³ para esse jornal, como a “No meu tempo²⁴”, “Você sabia...” e “Curiosidades Barbarenses²⁵”. Esses textos versavam sobre a mais diversa gama de temas sobre a história local, dentre os quais, a história da ferrovia, biografias de autoridades municipais, curiosidades sobre o passado da cidade, educação, energia elétrica em Santa Bárbara, meios de transporte antigos, os imigrantes norte-americanos, casos de polícia e até o futebol praticado nos idos do início do século XX. Enfim, dá para notar pelo vasto leque temático, o amplo e irrestrito interesse de Antonio Bruno pela história de Santa Bárbara d’Oeste e seu consequente resgate e registro. Com certeza, como já dissemos anteriormente, essas contribuições são algo de valor histórico inestimável para as pessoas que trabalham com a história local ou para os

¹⁷ Cf. o jornal O Bandeirante de 16/02/1934.

¹⁸ Ver o Jornal D’Oeste de 25/02/1951. Aliás, é a primeira na qual Antonio Bruno não é citado como “Cabo do 4º R.I.”.

¹⁹ O logradouro fica na região do Brás, na capital paulista.

²⁰ Idem.

²¹ Cf. por exemplo os jornais O Bandeirante, 15/04/1934; Cidade de Santa Bárbara, 31/01/1937 e Jornal do Povo de 29/06/1958, para citar algumas visitas que foram registradas pelos periódicos.

²² Jornal D’Oeste, 09/07/1961.

²³ Cf. para alguns desses artigos, as seguintes edições do Jornal D’Oeste, 02/07/1961; 15/10/1961; 22/10/1961; 12/11/1961; 31/12/1961; 07/01/1962; 08/04/1962; 08/07/1962; 07/07/1963; 29/12/1963; 10/07/1966.

²⁴ Que não era um título tão apropriado assim, uma vez que em várias oportunidades a coluna falava de acontecimentos do século XIX e esse não era o “tempo” de Antonio Bruno.

²⁵ Algumas dessas colunas seriam reeditadas nos jornais após seu falecimento. Ver, por exemplo, a coluna “Você sabia que...” reeditada no Jornal D’Oeste de 15/06/1969.

entusiastas. Todas essas colunas, artigos e notas, a pedido²⁶ do próprio pesquisador, eram assinadas apenas como ABO, as iniciais de seu nome.

III

Além do resgate histórico e do levantamento dos dados para fundamentar uma história de Santa Bárbara d'Oeste, Antonio Bruno de Oliveira também procurou, a partir de suas pesquisas, assegurar a historicidade da fundação de sua cidade natal. O canal que encontrou para esse feito foi a ideia de trazer para a cidade, os restos mortais da fundadora, Margarida da Graça Martins. A ideia, provavelmente surgida já em certo ponto de suas pesquisas, começa a tomar forma, segundo as fontes consultadas, no ano de 1963²⁷. A parte da pesquisa de Oliveira sobre a linhagem de "Dona Margarida" resultou no encontro com sua sepultura, no Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo. Contudo, apenas em março de 1966, com membros do Lions Clube²⁸ de Santa Bárbara d'Oeste encampando a ideia de Oliveira sobre o traslado dos restos mortais da fundadora para a cidade, e com a anuência da Edilidade barbarensense, é que realmente deu-se início ao processo. Mesmo assim, somente no final do ano seguinte, 1967, é que o desejo de Antonio Bruno de Oliveira e de outros barbarenses que compraram a ideia²⁹ de ter a fundadora homenageada postumamente na cidade se consolidou.

Então, no feriado municipal do dia 4 de dezembro de 1967, uma segunda-feira as dez horas da manhã, quando a cidade completava seus 149 anos, dezenas de pessoas se reuniram na Praça Cel. Luiz Alves³⁰, área central de Santa Bárbara, onde havia sido construído o mausoléu que abrigaria os restos mortais da fundadora, para a homenagem póstuma. Antonio Bruno de Oliveira estava lá, além do prefeito Ângelo Giubbina, vereadores, integrantes da Maçonaria, Lions Clube, do grupo de escoteiros local e de populares que prestigiaram a cerimônia realizada pelo Padre Victorio Freguglia.

O incansável historiador aparece em diversas fotos nessa ocasião, certamente satisfeito com o resultado de seus esforços para com o campo da história local de sua terra natal. Infortunadamente, seriam as últimas que registrá-lo-iam em Santa Bárbara ainda com vida. Poucos meses antes, em abril do mesmo ano, o Jornal D'Oeste, o qual tinha como colaborador assíduo e fiel Antonio Bruno, publicava em sua primeira página um artigo que trazia no título a seguinte frase: O Historiador Barbarensense³¹. O artigo contava o percurso de pesquisa que Antonio Bruno percorrera para atingir seus objetivos. Esteve pesquisando em vários locais de guarda de documentos históricos, como a Cúria Paulistana, arquivos do bispado de Piracicaba, de Santos e documentos da época em que Santa Bárbara pertencia a Porto Feliz. O resultado de todo esse trabalho, assinala o artigo, foi um volume de "mais de cinquenta laudas datilografadas³²", que, prometia o jornal, seria publicado na íntegra em breve nas suas páginas.

Contudo, como se descansasse após um trabalho árduo e penoso, Antonio Bruno faleceu dias depois da solenidade. A notícia³³ chegou aos barbarenses por meio de uma carta de sua

²⁶ Cf. o Jornal D'Oeste, 20/04/1967, p.01.

²⁷ O Jornal D'Oeste, a partir dessa data, começa, em colaboração com Antonio Bruno, uma intensa campanha pela homenagem a ser prestada à fundadora.

²⁸ Cf. o jornal Correio Barbarensense, 13/03/1966.

²⁹ Cf. também o Jornal D'Oeste, 22/10/1967, p.01.

³⁰ Atualmente, o local chama-se apenas "Praça Central".

³¹ Cf. o Jornal D'Oeste, 20/04/1967, p.01.

³² Idem.

³³ Ver o editorial Antonio Bruno de Oliveira, no Jornal D'Oeste de 18/01/1968, p.01. E também o Correio Barbarensense de 28/01/1968.

esposa, Elvira Leonor de Almeida, com quem era casado desde outubro de 1964³⁴. A carta dava conta de seu falecimento no dia 26 de dezembro de 1967, e do seu sepultamento no cemitério do bairro de Vila Formosa, em São Paulo. A comoção pelo falecimento de Oliveira foi bastante grande nos periódicos em atividade na época, e todos repercutiram a triste notícia. Na Igreja Matriz de Santa Bárbara, em 26 de fevereiro de 1968, rezou-se às 7 horas da manhã, uma missa³⁵ pela alma do historiador.

IV

Cerca de 7 anos após seu falecimento, Antonio Bruno de Oliveira voltava a ser lembrado pelas pessoas de sua terra natal. No dia 3 de outubro de 1974³⁶, a diretoria do Lions Clube local reuniu-se para deliberações e, entre elas, houve a formação de uma comitiva sob o comando do Dr. Acácio O. Lino para organizar as “homenagens póstumas” a Antonio Bruno. Uma dessas homenagens, era trabalhar para que o historiador tivesse seu nome batizando uma das ruas da cidade, intenção que, por algum motivo, não logrou êxito.

Entretanto, tudo indica que o Lions Clube entrou em entendimentos com a já constituída comitiva para as “Festividades do Dia da Padroeira”, da Prefeitura Municipal³⁷, que incluiu as homenagens ao historiador barbareense no programa do feriado vindouro.

No dia 4 de dezembro de 1974, as festividades começaram pela manhã, sob uma insistente e fria chuva, o que não impediu que um “grande número de pessoas³⁸” acompanhasse as homenagens. A urna com os restos mortais de Antonio Bruno de Oliveira, que estava desde a véspera do feriado no salão da Câmara Municipal de Santa Bárbara d’Oeste, foi visitada pelo público antes de seguir para a missa que foi celebrada na Igreja Matriz às 9 horas³⁹. Próximo das 10 horas da manhã⁴⁰, o cortejo com a urna do historiador seguido pela Corporação Musical União Barbareense, dos meninos da Guarda Mirim, dos escoteiros e de parte do efetivo da Guarda local, rumou para o Cemitério Municipal⁴¹, onde o Lions Clube havia preparado um jazigo com um epitáfio⁴² alusivo ao seu trabalho de uma vida dedicada à história local. A homenagem póstuma permitiria, assim como há anos atrás ele havia ajudado a ser feito com a fundadora, que seu corpo e sua memória repousasse em solo barbareense.

³⁴ SANTA BÁRBARA D’OESTE. Serventia do Registro Civil das Pessoas Naturais. Certidão de nascimento de Antonio Bruno de Oliveira. Registro em: 2 out. 1908.

³⁵ Cf. o jornal Correio Barbareense, 25/02/1968.

³⁶ Ver o jornal Edição Barbareense, 15/10/1974.

³⁷ Cf. o Jornal D’Oeste, 28/11/1974.

³⁸ Jornal Edição Barbareense, 07/12/1974.

³⁹ Ver o Jornal D’Oeste, 28/11/1974 e o Edição Barbareense, 07/12/1974.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Até janeiro de 1980, o cemitério localizado na Avenida Pérola Byington era denominado apenas de “Cemitério Municipal”. Após o Decreto nº 1383 do Prefeito Isaiás H. Romano, passou a chamar-se Cemitério “Campo da Ressurreição”.

⁴² Ver o jornal Edição Barbareense de 07/12/1974.